

Franco diz que o País crescerá devagar

Diretor do Banco Central acha que taxas de crescimento de 10% ao ano não podem ser alcançadas só com mudanças no juro e câmbio

Rio — O Brasil não tem condições de crescer a taxas elevadas nos próximos anos, já que nas duas últimas décadas foram destruídas as precondições necessárias para que a economia pudesse registrar um desenvolvimento sustentado. A afirmação foi feita pelo diretor internacional do Banco Central, Gustavo Franco, que esteve no Rio ontem participando do Encontro Anual do Instituto Atlântico. Ele citou como exemplo o desequilíbrio das contas públicas e a falta de ganhos de produtividade e de investimentos em infra-estrutura.

Gustavo Franco considera um erro acreditar que fatores de curto prazo, como juros e câmbio, sejam os únicos que limitam o crescimento: "Não estamos preparados para crescer 10% ao ano. É uma idiotice completa acreditar que é só mexer nestas variáveis e está resolvido", enfatizou Franco.

O diretor destacou que o impor-

tante é aumentar gradualmente a taxa de crescimento que está interligada a fatores que vão desde a balança de pagamentos até o aumento do consumo de energia elétrica. Franco lembrou que durante muito tempo o Brasil associou crescimento a aumento de gastos com políticas populistas. Segundo ele, isso vem sendo abolido da atual política econômica, mas é preciso buscar um maior empenho dos políticos nesse sentido, para que aprovem medidas fundamentais como o ajuste fiscal e reforma administrativa.

"Durante 20 anos não investimos em educação e em infra-estrutura. Não temos nem geração de energia elétrica para sustentar um crescimento dessa ordem", explicou. Segundo Franco, a cada ano o País crescerá a taxas maiores, mas ainda demorará para alcançar as taxas do período conhecido como milagre econômico, no começo dos anos 70.

CRÉDITO

Franco não quis prever quanto crescerá este ano o Produto Interno Bruto (PIB), que em 1996 subiu 2,9%, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Mas o diretor do BC fez questão de desmentir alguns economistas que dizem que em 1997 o déficit da balança comercial chegará a US\$ 15 bilhões. "Acho mais provável que o déficit seja a metade disso". No ano passado, as importações superaram as exportações em US\$ 5,5 bilhões.

Para Gustavo Franco, o País terá capacidade de financiar essa diferença. "Temos crédito internacional. Fornecedores e organismos financeiros estão dando mais vantagens para os importadores brasileiros", disse. Franco acha que, apesar das importações terem superado as exportações, isso não significa que toda a conta terá que ser paga em 1997. "As contas vencem em datas distintas. No ano passado, por exemplo, apesar do déficit comercial ter sido de US\$ 5 bilhões, tivemos um superávit US\$ 8 bilhões nas contas comerciais porque a maior parte das importações não foi paga em 1996", explicou.